

**Scientific Electronic Archives**

Issue ID: Sci. Elec. Arch. Vol. 17 (3)

Mai/Jun 2024

DOI: <http://dx.doi.org/10.36560/17320241879>

Article link: <https://sea.ufr.edu.br/SEA/article/view/1879>



## Cuidados paliativos em UTI : o papel vital do enfermeiro intensivista

### Palliative care in ICU: the vital role of the intensivist nurse

*Corresponding author*

**Vanessa Engelage**

Centro Universitário Assis Gurgacz  
[vanessafarias@faq.edu.br](mailto:vanessafarias@faq.edu.br)

**Luci de Belem de Moraes da Silva**

Centro Universitário Assis Gurgacz

**Rosane Pereira**

Centro Universitário Assis Gurgacz

**Resumo.** Introdução: Muito se tem discutido a respeito dos cuidados paliativos em enfermos terminais internados em uma UTI. A equipe multiprofissional possibilita a dignidade da pessoa humana, promovendo a diminuição da dor, e o entendimento quanto ao tratamento de palição esclarecendo sempre que tal medida não é um tratamento terminal dos pacientes, tanto para o enfermo como para os entes que o cercam. Objetivo: buscou se o papel do enfermeiro na UTI com pacientes em cuidados paliativos. Metodologia: Foi realizada uma pesquisa bibliográfica com uma análise qualitativa, sendo utilizados, para tanto, o Google acadêmico, SCIELO – Scientific Electronic Library Online, revistas especializadas, dentre outros sites que tratam sobre o devido tema. Conclusão: A equipe multiprofissional exerce um papel fundamental no processo dos cuidados paliativos, sendo ela responsável por analisar as necessidades básicas que cada doente necessita. Cabe ao enfermeiro a responsabilidade de aplicar tais decisões visto que sua figura está diretamente ligada ao paciente. É de suma relevância proporcionar maior qualidade de vida ao paciente, garantindo no processo mais conforto, menos dor, mais acolhimento e humanização.

**Palavras-chaves** Cuidados Paliativos, UTI, enfermeiro

**Abstract.** Introduction: Much has been discussed regarding palliative care for terminally ill patients admitted to an ICU. The multidisciplinary team enables the dignity of the human person, promoting the reduction of pain, and understanding regarding palliation treatment, always clarifying that such a measure is not a terminal treatment for patients, both for the patient and those around them. Objective: It was sought to identify the role of nurses in the ICU with patients undergoing palliative care. Methodology: A bibliographical research was carried out with a qualitative analysis, using Google Scholar, SCIELO – Scientific Electronic Library Online, specialized magazines, among other websites that deal with the respective topic. Conclusion: The multidisciplinary team plays a fundamental role in the palliative care process, being responsible for analyzing the basic needs that each patient requires. It is the nurse's responsibility to apply such decisions since their role is directly linked to the patient. It is extremely important to provide a higher quality of life for the patient, ensuring more comfort, less pain, more welcoming and humanization in the process.

**Keywords:** Palliative Care, ICU, nurse

#### Introdução

Embora a definição da morte pareça ser de fácil entendimento, há vários aspectos interligados podendo ser compreendidos de diferentes maneiras sob o ponto de vista filosófico, legal, cultural, entre outros, entretanto o aspecto mais aceito em relação

à medicina é a perda dos sinais vitais. Essas percepções se modificam ao longo do tempo, sendo acompanhada essa evolução do que era entendida na idade média como uma morte aceitável e tranquila para uma perspectiva absorvida de temor

e angústia, devendo ser evitada na atualidade (Souza & Boemer, 2005).

A principal finalidade da palição é promover qualidade de vida aos doentes e seus entes queridos que estão diretamente ligados a toda a situação, tendo desta maneira como elementos fundamentais o alívio da dor, apoio sentimental, psicológico e espiritual do indivíduo e dos que o cercam até mesmo após a morte (MORITZ *et al.*, 2008). A palição pode ser aplicada segundo o Parágrafo único do artigo 2 da Resolução nº 41, de 31 de outubro de 2018 que diz o seguinte: “serão elegíveis pessoas que sejam diagnosticadas com câncer em fase terminal, problemas pulmonares e cardíacos, pessoas com falências de órgãos e vítimas de acidentes”. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2018).

A UTI tem a função de proporcionar tratamento aos pacientes acometidos por alguma doença, no entanto nem sempre haverá a possibilidade da cura, visto que o resultado do quadro carece da estabilidade e ainda depende do tipo de doença ao qual o paciente está submetido no momento da internação na UTI. Desta forma, os pacientes que não possuem a possibilidade de reversão do resultado morte estão suscetíveis ao recebimento dos cuidados terapêuticos que visam o recebimento do conforto nos momentos finais da vida (BARLEM *et al.*, 2008).

Destacam-se os critérios e atuações das equipes multidisciplinares durante o período de palição na área da saúde, proporcionando medidas de intervenção dos cuidados paliativos para familiares e ao paciente em questão.

Buscou-se trazer o papel do enfermeiro, que diante da morte e do processo do luto deve estar preparado para prestar um serviço de qualidade, proporcionando o conforto necessário e consequentemente promovendo os cuidados paliativos adequados para cada enfermo.

### Contextualização e análise

Para entendermos melhor sobre o que diz respeito aos cuidados terapêuticos, fez-se necessário descrever um pouco sobre o contexto histórico. Por volta do século XX a inglesa Cicely Saunders, com formação em enfermagem e assistência social, descontente com o sofrimento humano, decide por sua vez estudar medicina, formando-se aos quarenta anos. Iniciou seus trabalhos em uma organização com o foco de estudar o alívio da dor e sofrimento de pacientes diagnosticados com doenças terminais, por sua vez, ela foi uma das grandes apoiadoras dos cuidados terapêuticos em pacientes com finitude da vida (MACIEL, 2008).

A expressão “cuidados paliativos” está conectada com o termo *Hospice*, que é definido como abrigo ou hospedaria, que por volta da era cristã no século V, era um tipo de entidades que ofereciam abrigo aos pobres, doentes e órfãos. As igrejas católicas pregavam esse modelo de instituição, o qual, mais tarde no século XIX,

passaria a ser o que atualmente denominamos como hospitais (MATSUMOTO, 2012).

Cuidados paliativos é o termo empregado para representar a atuação de um grupo multidisciplinar a pacientes que não detêm oportunidades de tratamento e/ou reabilitação. Os cuidados paliativos foram determinados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 1990, e em 2002 estabelecidos, tornando-se uma terapia que aproxima e aperfeiçoa a característica de vida dos pacientes e parentes que enfrentam problemas ligados com enfermidades, por meio da precaução e diminuição do sofrimento, como também pelo reconhecimento precoce e tratamento da dor, nos mais diferentes aspectos: físico, psicológico e mental (HERMES; LAMARCA, 2013).

Por sua vez a unidade de terapia intensiva (UTI) é considerada um setor complexo instalado no interior de uma unidade de saúde, sendo este o setor que fica reservado para ocupação de pacientes considerados mais graves e com necessidade de cuidados mais rigorosos, sendo composto por um amplo material tecnológico como também por profissionais com qualificação técnica preparados para atuarem dentro desse setor (BARLEM *et al.*, 2008).

No decorrer dos Cuidados Paliativos é envolvido um grande esforço composto por diversos profissionais enfermeiros, médicos, psicólogos, nutricionistas entre outros, cada um em sua área, mas todos com o mesmo objetivo, que nada mais é do que promover o alívio do sofrimento e conforto ao enfermo e acolher seus entes queridos (SOUSA; ALVES, 2015).

O profissional que atua na terapia intensiva deve ofertar uma assistência mais intensa e detalhada relacionada ao cuidado ao paciente, como administração de medicamentos, nutrição, conforto, manejo da dor e monitorização hemodinâmica contínua, para que por meio dos dados obtidos por meio da situação hemodinâmica seja exercida uma assistência de enfermagem segura, benéfica para uma abordagem preventiva contra complicações futuras (FARIA *et al.*, 2011).

Por conseguinte o enfermeiro se torna parte indispensável no meio da equipe que promove os cuidados paliativos, pois este profissional sustenta a arte do cuidar. Essa forma de cuidado com o paciente proporciona mais qualidade de vida nos últimos dias, promovendo aos profissionais um sentimento de dever cumprido (HERMES; LAMARCA, 2013).

### Material e Métodos

O estudo foi efetuado a partir da pesquisa bibliográfica, mediante consulta no acervo da internet, por meio de consultas eletrônicas, utilizando os sites: SCIELO – Scientific Electronic Library Online, Google Acadêmico, Revistas especializadas, entre outros sites que tratam sobre o devido tema. Quanto à abordagem da pesquisa, constitui-se em uma pesquisa bibliográfica exploratória e descritiva. A base científica foi

constituída por livros e artigos encontrados em bancos de dados científicos dos últimos 25 anos, além de clássicos da área científica. Os descritores utilizados foram: cuidados paliativos, UTI, benefícios dos cuidados paliativos, enfermeiros.

A pesquisa foi realizada no período de junho de 2022, quando foram selecionados inicialmente os artigos, em seguida analisados e descartados os artigos que não tinham o objetivo da pesquisa sobre cuidados paliativos em UTI e o papel vital do enfermeiro intensivista.

### Resultados e discussão

Os cuidados paliativos surgiram pela necessidade de atender, de uma maneira mais humanizada, os doentes acometidos por patologias que não detêm a possibilidade de cura. O padrão tecnológico da medicina visa concentrar mais na doença em si do que no paciente, deixando desta forma as pessoas mal assistidas. O cuidado de palição compreende-se como intervenções realizadas por uma equipe composta por diversos profissionais os quais criam várias perspectivas do cuidado, atentando-se a aspectos psíquicos, físicos, espirituais e sociais (SILVA *et al.*, 2021).

Apesar de haver na UTI diversos pacientes com potencial de recuperação, há aqueles com baixas perspectivas de melhora que necessitam, desta maneira, de um tratamento e cuidado apropriado no final da vida (MORITZ *et al.*, 2011). Atualmente é discutida por meio do Código Civil a capacidade dos pacientes de decidir se querem ou não ser submetidos a tratamentos quando se sabe que seu estado é caracterizado como crítico e sem possibilidade de modificação do resultado da doença (MORITZ *et al.*, 2011).

Diante disso, mesmo que os profissionais criem várias expectativas sobre o cuidado, ainda ficam lacunas no caminho, tendo em vista que a medicina não foca especialmente no paciente como um todo – mantendo seu interesse apenas na doença –, deixando a desejar no cuidado do paciente.

Percebe-se, portanto, como é nítida a relevância dos cuidados durante uma palição. Ainda não há demanda profissional suficiente e capacitada para oferecer tais cuidados e essa falta de capacitação experiente em cuidados paliativos encaminha os indivíduos a uma assistência de má qualidade. Não é suficiente apenas a formação clínica da equipe para oferecer um serviço eficaz que supra as demandas do doente e de seus familiares (SILVA *et al.*, 2021).

Nessa concepção, o cuidado paliativo objetiva a melhora da qualidade de vida do doente e dos familiares, enfrentando assim doenças ameaçadoras da vida (MORITZ *et al.*, 2011). A junção de cuidados paliativos e UTI tende a ser entendida como mudança no modelo da doença, levando à prolongação da vida dos pacientes com doenças crônicas. As práticas de terapia intensiva baseiam-se na restauração da fisiologia e na utilização de recursos terapêuticos, farmacológicos

e protéticos para atingir os objetivos. Contextualizando, há necessidade do emprego dos cuidados paliativos nessas unidades, pois constata-se alta prevalência de dor e outros sintomas de sofrimento e angústia, seja para o paciente, familiares ou equipe de saúde (FONSECA *et al.*, 2010).

Na UTI a palição é implantada ao doente desde sua admissão até o seu estado terminal, visando manter o bem estar do indivíduo, propiciando uma morte tranquila e digna. Para isso uma equipe multiprofissional é envolvida com propósito de prestar os cuidados paliativos, desta maneira o objetivo deve ser direcionado ao conforto e bem-estar, controlando a dor e os sintomas, proporcionando o alívio da aflição (MORITZ *et al.*, 2011).

Os cuidados paliativos devem ser interpostos ao doente desde sua admissão na UTI, até mesmo naqueles que não tem mais possibilidade de continuar a vida, cabendo à equipe trabalhar de forma mais direta e indiretamente para suprir as demandas de cada doente, exercendo assim um cuidado de qualidade, suprimindo as necessidades de cada paciente.

As ações do enfermeiro alcançam, em sua essência, o cuidado em si, independente da finalidade do tratamento – se é preventivo, medicamentoso, de recuperação ou paliativo. A equipe de enfermagem tem como objetivo a assistência de pacientes, com comprometimento, transparência e o conhecimento técnico-científico necessário, a todo ser humano em algum momento ao longo da sua vida (FREITAS *et al.*, 2013). De maneira geral, os enfermeiros estão preparados para lidar com a vida, proporcionando soluções para as adversidades em direção ao bem-estar e à saúde de pacientes. (FREITAS *et al.*, 2013).

Embora o enfermeiro esteja preparado para lidar com as adversidades no decurso da doença, ele estará exposto diariamente com a finitude da vida, frustrações e ansiedade. Esse profissional, além de prestar auxílio ao doente e seus familiares, lida com seus receios e medos, devendo se preparar para o resultado que na maioria das vezes será a morte (SAMPAIO, 2015).

Em alguns casos, os enfermeiros ajudam a planejar a alta do paciente para casa ou a transição para um ambiente de cuidados de longo prazo, quando apropriado. Mantêm registros precisos dos cuidados prestados, dos sintomas observados e das decisões de cuidados em conformidade com as diretrizes regulatórias e as melhores práticas clínicas. Eles também podem fornecer apoio à família no decorrer do luto.

Para a enfermagem, oferecer os cuidados paliativos é viver terapeuticamente, em etapas de compadecimento e amor, entendendo que é possível tornar a morte respeitável e garantir ao doente proteção e acolhimento nos mais diferentes momentos (MONTEIRO *et al.*, 2010).

Os cuidados de palição têm o intuito de incentivar o paciente a viver o final de sua vida da

melhor forma, aceitando suas condições, com o alívio de suas dores, vivendo assim de forma mais produtiva e gratificante o fim da vida.

A vista disso fica comprovada a importância do enfermeiro nos cuidados com pacientes paliativos, pois mesmo havendo durante esse processo muita frustração e sensação de impotência por partes dos profissionais, sua figura proporciona

### Conclusão

Cuidados paliativos são considerados como uma forma de alívio e conforto aos pacientes acometidos por doenças terminais acolhidas até mesmo pela Organização Mundial de Saúde. Esse alívio não está relacionado somente à dor física de cada doente, mas também pode ser um alívio de sintomas físicos, espirituais, mentais do enfermo e seus familiares. Para esses cuidados, é indispensável uma equipe multiprofissional, entretanto é notável que a figura do enfermeiro seja a que tem mais destaque por estar mais próximo do doente.

Conforme entendimento dos autores, ainda há dificuldades encontradas como a carência de conhecimento por parte de alguns profissionais em ligação com os cuidados específicos da palição. Tendo em vista que esses profissionais convivem diariamente com medidas paliativas e até mesmo com a morte, é fundamental que essa equipe tenha uma capacitação específica para poder oferecer de forma correta o conforto e o auxílio que cada paciente necessita.

Portanto fica evidenciada a relevância dos cuidados paliativos, como ainda o controle da dor e sintomas dos doentes internados em uma UTI. O estudo foi de suma importância para mostrar as fragilidades em relação à aplicação dos cuidados paliativos por parte dos profissionais que, independentemente do tempo de atuação e até mesmo das especializações, ainda demonstram falha no processo de manejo da dor.

É essencial a figura do profissional enfermeiro em conexão com os cuidados paliativos, pois eles requerem que esse profissional crie e implemente trabalhos para o paciente visando a humanização, bem como melhorando a qualidade de vida das pessoas que tem o diagnóstico de finitude de vida.

Entende-se que o profissional deve estar preparado para oferecer os cuidados paliativos necessários para cada doente, como ainda estar preparado psicologicamente para a perda futura. Uma forma para aperfeiçoar esses conhecimentos entre a equipe de enfermagem seria a inclusão de matérias nas graduações que tratem sobre o devido tema, como ainda a importância de atividades e programas educativos dentro das instituições com foco no aperfeiçoamento dos cuidados paliativos da equipe de enfermagem e em educação continuada para diminuição e manejo da dor em pacientes internados.

O papel da equipe de enfermagem é muito amplo, haja vista que a enfermagem toma conta dos doentes vinte e quatro horas por dia, havendo nesse

mais qualidade de vida no momento mais crítico de uma pessoa, ofertando carinho, cuidado, controlando a dor, apoiando. É de extrema importância esse papel nos cuidados paliativos, alcançando o resultado, proporcionando a segurança para o doente e os seus familiares, o conforto, o acolhimento, a diminuição da dor e o cuidado humanizado.

período dor, mal estar, tristeza entre outros sintomas, sejam físicos, psíquicos ou até mesmo espirituais, e dentre todos esses sintomas cabe a atuação do enfermeiro, aconselhando, ouvindo, medicando. E esse papel durante os cuidados paliativos pode ser mais ou menos expandido dependendo apenas da qualidade da capacitação do profissional. Por esses motivos o enfermeiro intermedia a comunicação médica e familiar, proporcionando ao doente respeito e condições mais humanas.

O enfermeiro é o profissional que está mais presente no processo de cuidado junto ao paciente, e isso deve ser mantido perante a família, mantendo a boa comunicação e colaborando para o alívio do sofrimento, fornecendo informações, esclarecendo dúvidas, bem como encorajando em atitudes positivas que favoreçam o processo durante o internamento do paciente.

O aperfeiçoamento é necessário para que haja a excelência no atendimento não somente na reta final da vida, mais sim durante todo o tratamento, cabendo à equipe ofertar conforto e qualidade de vida, e um serviço humanizado, rompendo conclusões precipitadas sobre o tema e criando concepções científicas da importância dos cuidados paliativos. E mais uma vez o enfermeiro é o protagonista em promover estas capacitações, sejam na forma de curso, seminários, treinamentos, lapidando os conhecimentos e auxiliando para que os cuidados paliativos sejam cumpridos com eficácia.

### Referencias

BARLEM, E. L. D. et al. Comunicação como instrumento de humanização do cuidado de enfermagem: experiências em unidade de terapia intensiva. 2008.

Brasil. Ministério da Saúde. Comissão Intergestores Tripartite. Resolução nº 41, de 31 de Outubro de 2018.

FARIA LMP, CASSIANI SHB. Interação medicamentosa: conhecimento de enfermeiros das unidades de terapia intensiva. Acta Paulista de Enfermagem. 2011; 24(2):264-270.

FONSECA AC, Fonseca MJM. Cuidados paliativos para idosos na unidade de terapia intensiva: realidade factível. Sci. med;20(4), nov. 2010

- FREITAS, N. O.; PEREIRA, M.V.G. Percepção dos enfermeiros sobre cuidados paliativos e o manejo da dor na UTI. *O mundo da saúde*. São Paulo, v. 37, n.4, p. 450-457, 2013.
- HERMES, H. R.; LAMARCA, I. A. Cuidados paliativos: uma abordagem a partir das categorias profissionais de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 18, p. 2577-2588, 2013.
- Manual de Cuidados Paliativos / Coord. Maria Perez Soares D'Alessandro, Carina Tischler Pires, Daniel Neves Forte ... [et al.]. – São Paulo: Hospital SírioLibanês; Ministério da Saúde; 2020.
- MACIEL, M. G. S. Definições e princípios. *Cuidado paliativo*, v. 15, 2008.
- MATSUMOTO, D. Y. Cuidados paliativos: conceitos, fundamentos e princípios. *Manual de cuidados paliativos ANCP*, v. 2, n. 2, p. 23-24, 2012.
- MONTEIRO, Fabiana Franco; OLIVEIRA, Miriam de; VALL, Janaina. A importância dos cuidados paliativos na enfermagem. *Rev dor*, v. 11, n. 3, p. 242-8, 2010.
- MORITZ, R. D et al. Terminalidade e cuidados paliativos na unidade de terapia intensiva. *Revista Brasileira de terapia intensiva*, v. 20, p. 422-428, 2008.
- Moritz RD, Deicas A, Capalbo M, Forte DN, Kretzer LP, Lago Pet al . II Fórum do "Grupo de Estudos do Fim da Vida do Cone Sul": definições, recomendações e ações integradas para cuidados paliativos na unidade de terapia intensiva de adultos e pediátrica. *Rev. bras. ter. intensiva*. 2011 Mar; 23(1): 24-29.
- SAMPAIO, BMM. Cuidar da pessoa no processo de morrer numa unidade de cuidados continuados – experiências do enfermeiro. (Dissertação) Mestrado em Cuidados Paliativos. Escola Superior De Saúde. Instituto Politécnico de Viana do Castelo. 2015. Disponível em: <[http://repositorio.ipv.pt/bitstream/20.500.11960/1348/1/Bruna\\_Sampaio.pdf](http://repositorio.ipv.pt/bitstream/20.500.11960/1348/1/Bruna_Sampaio.pdf)>. Acesso em 08 set. 2023.
- SILVA, AE et al. Cuidados paliativos: definição e estratégias utilizadas na prática médica. 2021. Disponível em: DOI: [https://www.google.com/search?q=Cuidados+paliativos%3A+defini%C3%A7%C3%A3o+e+estrat%C3%A9gias+utilizadas+na+pr%C3%A1tica+m%C3%A9dica.&rlz=1C1CHZN\\_ptBRBR948BR948&oq=Cuidados+paliativos%3A+defini%C3%A7%C3%A3o+e+estrat%C3%A9gias+utilizadas+na+pr%C3%A1tica+m%C3%A9dica.&aqs=chrome..69i57.414j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=Cuidados+paliativos%3A+defini%C3%A7%C3%A3o+e+estrat%C3%A9gias+utilizadas+na+pr%C3%A1tica+m%C3%A9dica.&rlz=1C1CHZN_ptBRBR948BR948&oq=Cuidados+paliativos%3A+defini%C3%A7%C3%A3o+e+estrat%C3%A9gias+utilizadas+na+pr%C3%A1tica+m%C3%A9dica.&aqs=chrome..69i57.414j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8). Acesso em 08 set. 2023.
- SOUSA, J. M.; ALVES, E. D. Competências do enfermeiro para o cuidado paliativo na atenção domiciliar. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 28, p. 264-269, 2015.
- Souza, L. G. A. & Boemer, M. R. (2005). O cuidar em situação de morte: algumas reflexões. *Medicina Ribeirão Preto*, 38(1), 49-54.